

Kierkegaard e a religião cristã: o paradoxo da fé e o paradoxo da confissão da fé

Nicolý Andrade*

Resumo

A filosofia da religião de Søren Kierkegaard (1813-1855) não pode ser confundida com uma apologética ou uma perspectiva simplista da fé cristã. A obra do mestre dinamarquês pode ser considerada de modo coeso e, justamente por isso, pode ser compreendida como uma única obra, uma sinfonia. Nela o paradoxo da fé e a confissão de fé se encontra por toda parte e está ligada à capacidade de realização do projeto tornar-se indivíduo concreto.

Palavras-chave: Paradoxo. Indivíduo. Confissão.

Abstract

The philosophy of Søren Kierkegaard's religion (1813-1855) it cannot be confused with an apologetic one or a simplistic perspective of the Christian faith. The master Danish's work can be considered in a full way and, exactly that, it can be understood as an only work, a symphony. In her the paradox of the faith and the confession of faith meets for every part and it is tied up to the accomplishment capacity of the I plan to become concrete individual.

Key words - Paradox. Individual. Confession.



* NICOLY ANDRADE é Mestranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: nicolyandrade@gmail.com

Introdução

A tentativa de encontrar uma resposta ao cristianismo de Kierkegaard nos conduz a seu último período de produção, quando inicia uma luta contra a igreja estatal dinamarquesa que, impregnada da leitura hegeliana, propunha uma fé cristã quase automática: co-relacionada com o Estado e sua política. Este último período da vida de Kierkegaard tem uma grande importância para encontrarmos o verdadeiro conceito de cristianismo no pensador dinamarquês.

Durante a obra de Kierkegaard o cristianismo surge como uma verdadeira alternativa para o conhecimento da palavra e da essência da religião, por isso primeiro investigaremos a polêmica entre Kierkegaard e a Igreja estatal dinamarquesa para em seguida adentrarmos na especificidade dos conceitos de cristianismo, cristandade e crístico que nosso autor se utiliza para justificar algumas passagens de seus textos tão críticos ao cristianismo. Kierkegaard é um autêntico conhecedor da fé cristã e, portanto, um autor que deixou-se escandalizar pela sua verdade.

A polêmica com o cristianismo

O tema da religião cristã sempre esteve bem presente no decorrer da obra de Kierkegaard. Ele está presente nas suas obras de juventude, nas obras pseudonímicas, nos seus escritos sobre a estética, nas inventivas sobre a ética e finalmente se apresenta ao final de sua obra como uma grande resposta ao que ele pensava ser a fé e o cristianismo. Entre os anos de 1854 e 1855, os



Søren Kierkegaard (1813-1855)

últimos de sua vida, Kierkegaard se envolveu em grandes polêmicas com as autoridades religiosas dinamarquesas. Grande parte destas críticas à cristandade e à igreja oficial da Dinamarca estão presente nos artigos publicados no jornal *Faedrelandet* (A Pátria) e no jornal criado pelo próprio Kierkegaard *O instante* (*Øjeblikket*).

Em fins de dezembro de 1854 surge a resposta de Kierkegaard a Martensen na tentativa de fazer uma correção e afirma que o que Mynster representou, não era cristianismo, o que pode ter levado a cristandade a uma ilusão, pois além de não ter reduplicado a mensagem que pregava, não poderia receber o mérito de ser uma testemunha da verdade (Cf. KIERKEGAARD, 1978, p. 37). Tal declaração, no entender de Kierkegaard, é mais profunda uma vez que ao apresentar o bispo Mynster como *testemunha da verdade*, ele devia ser imitado. Cristo é a verdade, no entender de Kierkegaard, e ser sua testemunha significava ser seu contemporâneo, fato que não era real dentro da Igreja uma vez que, havia um legalismo no protestantismo dinamarquês e uma enorme contradição entre a ilusão que se pregava nos púlpitos semanalmente e o que se vivia diariamente. Para Kierkegaard o alicerce do cristianismo é a prática e esta se realiza no amor ao próximo, na seguridade da criação divina e da libertação do homem por meio do sacrifício de Cristo, no testemunho radical daquilo em que se acredita, e também na contemporaneidade. Ser contemporâneo de Cristo é a condição da relação de Deus para com o homem: o instante,

isto é, o agora da eternidade (Cf. ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 57).

Desta forma, existe um abismo entre o real cristianismo e a cristandade oficial, uma vez que a cristandade deseja agradar ao mundo e a Deus. Para Kierkegaard isso é incompatível, pois nega o cristianismo que é angústia, temor, renúncia ao mundo e a não-aceitação da sociedade. Para ele, ser cristão é viver como fora da lei, pois o cristianismo não pertence às regras deste mundo, mas também é um projeto de felicidade eterna, mas não para os dias de hoje como se prega. Quem vive um cristianismo seguro e sem riscos não é digno de ser denominado cristão (PAULA, 2009, p. 112-113). A forma como Kierkegaard entende o cristianismo, a cristandade não leva a sério o agir cristão por amor ao próximo.

A cristandade e *minha tarefa*

Para iniciarmos nossa relação entre o paradoxo da fé e o paradoxo da confissão na fé cristã será necessário partirmos de uma interessante passagem dos *Diários* de Kierkegaard: “Com minha mão direita eu apresentava os Discursos Edificantes, com minha mão esquerda as obras pseudônimas – e todos agarravam com a mão direita o que eu segurava em minha mão esquerda” (KIERKEGAARD, 1968, 254). Dessa forma, a crítica de Kierkegaard à igreja cristã não poderia ser encarada como uma atitude contrária as palavras de Cristo, mas sim como um corretivo. Seus discursos não nos deixam pensar outra coisa a não ser um aprofunda identidade cristã, que deve ser apresentada como uma evidência de cristandade e ao mesmo tempo indignação com a fé. Em vários momentos e passagens de sua obra ele deixava claro que ele é um escritor religioso. Uma mostra disso pode ser

verificado em duas de suas obras, *bem explicativas*, mas ao mesmo tempo interrogativas sobre a sua própria obra.

Ao mesmo tempo em que Kierkegaard nos fala do paradoxo da fé, remontando às *Migalhas filosóficas*, nos lança num mundo do questionamento da necessidade da fé enquanto atributo para a realização da profissão da própria fé, isto é, ter fé é ter uma determinada espiritualidade e que nesta espiritualidade se encontra a devoção para com a prática religiosa, mas quando falamos de crença ou confissão de fé, podemos estar falando de uma relação com o sagrado diferenciada, pois podemos crer mas não precisamos ter vida espiritual. Dessa forma, o condicionado da fé é a espiritualidade, e a rejeição da fé é somente o ato de confissão de fé da cristandade. Esta analogia parte da luta que o pensador dinamarquês travou com a cristandade de seu país.

O pensamento Kierkegaard é uma desconstrução da dogmática da fé cristã que não objetiva desacreditá-la, mas esclarecê-la e reedificá-la em seu sentido eminentemente existencial. Para isso ele não se cansou na batalha para desmascarar e abalar as certezas duvidosas da objetivação moderna, repudiando toda tentativa de sistematização teológica ou filosófica, bem como negando a ideia de um sistema explicativo da fé. Por isso renegou a defesa da fé cristã por meio de argumentos racionais e evidências históricas, por defender que a verdade é a subjetividade. Ele era crítico do racionalismo que tentava se inserir entre o cristianismo e a razão. Assim, foi um opositor da filosofia hegeliana e um inimigo de todos que tentavam introduzi-la e fixá-la de forma contumaz na Dinamarca, sustentando sua oposição ao crítico de arte e simpatizante de

Hegel, J. L. Heiberg, bem como ao bispo Martensen.

Kierkegaard enfatizou o absurdo da natureza paradoxal da fé, o caráter ofensivo da mensagem cristã e o contrasenso dos dogmas em relação à natureza humana. Recusando toda explicação racional da fé cristã, ele sugere que o cristianismo não é aceitável ao intelecto humano, e por isso é mal compreendido, sendo acusado de aliar-se aos ateístas para suplantar a fé cristã dissociando-a da razão. Ele foi chamado de anticristo por suscitar que a vida cristã não era possível ser vivida – todavia seu ponto de vista era que a exigência ética do Novo Testamento não deveria ser rebaixada para tornar-se realizável em favor de uma sociedade mundana, pelo contrário, a exigência deveria ser mantida mesmo que ninguém conseguisse alcançá-la.

Dessa forma, o retorno a Kierkegaard simboliza uma determinação última em resgatar o sentido da existência cristã diante de uma sociedade que clama tacitamente por uma ‘razão no crer’ frente ao atual mercantilismo moralista que reside no seio do cristianismo. Naquela época ele insurgiu contra a infidelidade da instituição cristã para com a essência do cristianismo e contra a mediocridade disseminada pela Igreja Estatal Luterana frente à verdade última do paradoxo cristão que é a encarnação de Deus. Kierkegaard combateu a Igreja oficial porque os sacerdotes deixavam a sociedade na ignorância do temor e do tremor diante de Deus (KIERKEGAARD, 1986, p. 17), deturpando a essência da mensagem, esperando que Deus, de bom gosto, não seja rigoroso no julgamento do homem visto a ‘impossibilidade’ de cumprir sua doutrina.

Inteirando isso Kierkegaard nos diz: “Minha tática, com a ajuda de Deus, consistia em empregar todos os meios para por a claro qual é o requerimento do cristianismo verdadeiramente, ainda que nenhuma só pessoa se sentisse tentada a entrar nele” (KIERKEGAARD, 2001. p. 8.), por isso insistia em dizer: “... sou, com efeito, um autor religioso” (KIERKEGAARD, 1986, p. 22, 30), para poder: “reintroduzir o Cristianismo na cristandade”. Poderíamos dizer que esta obra *O ponto de vista explicativo de minha obra como autor*, seria uma tentativa de apresentar a si mesmo como uma pessoa religiosa impedida de praticar a sua fé cristã e, ao mesmo tempo, ser compreendido.

Ainda no *Ponto de vista*, Kierkegaard nos esclarece: “Na minha obra cheguei a um ponto onde não é possível, experimento a necessidade, e por conseguinte, considero agora meu dever declarar de uma vez por todas tão francamente, tão abertamente, tão categoricamente quanto possível, em que consiste a produção, o que pretendo ser como autor” (KIERKEGAARD, 1986, p. 21), no próprio texto, Kierkegaard faz uma relação de quais são as obras que se encontram em cada um destes estádios (*Stadier*) de vida, realizando assim um caráter duplo ou duplicidade de toda a obra¹.

¹ Na primeira seção, na parte A, Kierkegaard, intitula-a de “Duplo caráter ou duplicidade de toda a obra: se o autor é o autor de ordem estética ou religiosa” e segue a nota que é dele mesmo: “Eis para lembrá-los, os títulos das obras: Primeiro grupo (produção estética), *A alternativa, Temor e tremor, A repetição, O conceito de angústia, Prefácios, Migalhas filosóficas, Etapas no caminho da vida e Dezoito discursos edificantes*. Segundo grupo: *Apostila conclusiva não-científica*. Terceiro grupo (produção estritamente religiosa) *Discursos edificantes sobre diversos pontos de*

Kierkegaard viveu no século XIX, época, em que no ambiente religioso dinamarquês, os pastores da Igreja eram funcionários pagos pelo Estado e transmitiam ao povo a ideia de religião como obrigação legal. Eles representavam o Estado não somente de forma simbólica, mas de forma legal, onde contratos e casamentos civis eram firmados na igreja, além de que, era só através do batismo luterano que as possibilidades de emprego e crescimento social eram possíveis (Cf. PAULA, 2009. p.111-112). Nesta época a presença da igreja é marcante, e o contexto sofre influência do hegelianismo e do anti-hegelianismo que proporcionam mudanças no pensamento eclesiástico e na instituição religiosa.

O pensador dinamarquês, discordando desta situação, revela suas características não-conformistas e as direciona à era presente – repleta de intelectualismo e vazia de sentido e de individualidade – e seu ataque à cristandade está diretamente relacionado à Igreja oficial da Dinamarca, que desde a Reforma Protestante passa a ser Igreja luterana, especialmente sob a representação do bispo Mynster e dos pastores Martensen e Grundtvig. A estratégia do ataque kierkegaardiano era dissipar a ilusão da cristandade, ‘exumar os conceitos do cristianismo’ proposto por Cristo e conscientizar o *homem comum* para o advento do crístico, uma vez que o termo cristianismo perdera seu significado.

Segundo *A prática do cristianismo*, a ação é contrária, pois transforma-o em ações mundanas anulando a radicalidade de Cristo (KIERKEGAARD, 2009, p. 59); casa-

vista, *As obras de amor, Discursos Cristãos* (KIERKEGAARD, 1986, p. 27, nota).

se com o mundo e seus valores; transforma em ilusão o evento cristão e a encarnação de Cristo; e não enxerga a gênese do real cristianismo: o paradoxo do escândalo do Deus-Homem (*Idem*, p. 59) – do rebaixamento do Deus à humanidade e da elevação do homem à Divindade. Para o pensador dinamarquês o escândalo não deve ser ocultado no legítimo cristianismo, pois nele reside seu foco e ponto de partida para a possibilidade de escolha do homem comum, para seu potencial de decisão. Afinal não é pelo fato de nascer em um estado que se diz cristão, que o homem se cristianiza, ao contrário, quando todos se tornam *cristãos*, aí mora a certeza que o conceito de cristão se dissipou.

Ele enfatiza que se faz necessário à cristandade retornar à verdade se conscientizando da farsa que se tornou o cristianismo dinamarquês – onde pastores são pagos para ensinar aos outros a se tornarem ‘cristãos’ ao invés de mostrar-lhes o ‘perigo’ de sê-lo – e reconhecer seus próprios erros e limitações.

Kierkegaard afirma que ele não é um cristão e explica a impossibilidade de sê-lo diante do que o cristianismo pregado na Dinamarca exigia e alerta a cristandade acerca do abismo sofisticado em que os pastores a colocaram, passando-se por aquilo que ela não é, industrializando o cristianismo para obterem mais adesão de pagadores de ‘indulgências’ sem terem entendimento da graça proporcionada por Deus mediante o sacrifício de Cristo (KIERKEGAARD, 1978, p. 343 e 344). Kierkegaard ainda enfatiza: “Estou de posse de um livro que é quase desconhecido neste país, cujo título quero mencionar com precisão: o Novo Testamento de Jesus Cristo” (KIERKEGAARD, 2006, p. 27). Seu

objetivo é relacionar a verdade entre os homens com a verdade eterna, para que assim a temática do amor ao próximo seja recuperada também. Na *Prática do cristianismo* ele ressalta a diferença entre admirar o Cristo e imitá-lo e, posteriormente, sugere a busca honesta pela essência do cristianismo para que a máscara de alucinações da cristandade caia e dê lugar ao pensamento *crístico* (*Det Christelige*) que é o essencial e verdadeiramente cristão.

Na cristandade criticada por Kierkegaard somos todos cristãos, o cristianismo do Novo Testamento é uma loucura impossível e o escândalo da fé é ocultado em sua religiosidade. Kierkegaard entende o cristianismo como uma mensagem existencial e não como uma doutrina, assim sendo necessita de uma reduplicação de quem a expõe através da existência deste, uma vez que Cristo convocou imitadores e não professores de uma verdade que não se vive (Cf. KIERKEGAARD, 1978, p. 39). Todavia, na cristandade há uma inversão de valores cristãos, há uma tentativa de supressão do paradoxo cristão na empreitada de unir a fé e a razão dando preferência ao homem natural em detrimento do espiritual onde o *testemunhar a verdade* é eliminado, até porque estes ‘cristãos’ jamais creram, assim, nunca poderiam testemunhar também – pois na medida em que tentam suprimir o escândalo, suprimem o próprio Cristo e a crença nele. Ela (a cristandade) abole o real cristianismo diminuindo-o a uma obrigação dominical repleta de sofismarias transformando-se em um paganismo disfarçado em religiosidade hipócrita.

Este cristianismo com valores invertidos criticado pelo pensador dinamarquês tenta reduzir a mensagem e o sacrifício do cristianismo para torná-lo realizável

para uma sociedade que, iludida, deseja uma conveniência prática para denominar-se cristã ao passo em que cria uma possibilidade de suprir seus desejos dentro do próprio cristianismo.

O elemento crístico do cristianismo e o tornar-se indivíduo

A influência dos bispos dinamarqueses J. P. Mynster e H. L. Martensen na vida de Kierkegaard é inegável, pois sua crítica aos mesmos, como representantes do cristianismo dinamarquês, está expressa em suas obras. Tais bispos foram autores reconhecidos nesta época, o primeiro como exímio pregador e escritor devocional, o segundo como teólogo e o grande adversário de Kierkegaard (Cf. GOUVEA, 2006, p. 55).

Diante do cristianismo distorcido e da cristandade insipiente, Kierkegaard elabora o conceito do *crístico* como um adjetivo substantivado que compreende o “em si e por si” da essência lógica do cristianismo que deve interpretar criticamente se o cristianismo, ou o cristão de hoje são meras falácias ou não; se os homens vivem segundo categorias *humanas* ou *crísticas*; se as pregações estão transbordando de negociatas que tornam a mensagem sem graça ou se adverte os ouvintes quanto ao cristianismo que deve transformar-se no mesmo escândalo que foi para os judeus e na loucura que foi para os gregos; se pregam o amor ao próximo irrestritamente reconhecendo o ser como único diante de Deus, amáveis e dignos de amor ou se promovem uma massificação generalizada do homem despersonalizando o eu e o tu numa voz anônima e impessoal (Cf. VALLS, 1993, p. 597-598). No entender de Kierkegaard, o homem envolvido pelo crístico reconhece a insuficiência da existência centrada em si mesma e a necessidade da constatação da realidade

de Deus como realidade última. Este homem aceita a oferta do dom da vida juntamente com tudo que ela abarca e toma para si a responsabilidade do que faz de si mesmo como indivíduo singular e do outro como o *primeiro tu* que se deve amar tendo Cristo como referência subjetiva de *caminho, verdade e vida*. E, sendo Cristo a verdade fica claro que o homem só conhece a verdade se ela se faz vida dentro dele, caso contrário, o alarde de proclamar-se cristão não seria mais que uma demência e profanação.

Para Kierkegaard o ponto-chave do cristianismo do Novo Testamento é a fé no Cristo que, sendo Deus, sofreu, e que em seu sofrimento desempenhou amor desinteressado ao próximo que não cabe dentro da lógica humana; seu interesse é em formar cristãos genuínos que se afirmarão em oposição ao mundo sob a aceitação do sofrimento; e seu papel é colocar o homem diante de Deus para que ele seja livre para realizar, com sinceridade, seu salto na escolha pessoal – de não escandalizar-se e seguir crendo em Cristo – e na escolha prática – de entrar em desacordo com o mundo, abrindo mão de seus valores e do caminho largo da cristandade para percorrer o estreito caminho do cristianismo que, após tomá-lo, sentir-se-á um estranho dentro do mundo. Segundo Kierkegaard, a verdadeira religião cristã é oriunda do céu e deseja transfigurar o mundo para elevá-lo aos céus.

Longe de uma filosofia racionalista, Kierkegaard acreditou que a verdade só se revela àquele que for capaz de amá-la e sofrer por ela, de sofrer enquanto espera e a procura, até finalmente encontrá-la cravada em seu coração (Cf. FARAGO, 2009, p. 19). Este encontro é simbolizado pelo instante no qual a temporalidade encontra a eternidade, que mesmo mantendo-se opostas, e por

este mesmo motivo, proporciona ao homem uma escolha, o salto. Todavia a fé no transcendente não implica em nenhuma fuga do mundo para um refúgio na subjetividade, mas implica numa busca em descobrir o sentido de uma existência ontologicamente orientada. Entretanto, Kierkegaard afirma que o homem não é capaz compreender, sozinho, o instante nem o que este proporciona. Apresenta-se aqui, neste momento, o paradoxo.

Como bem nos lembra Farago (Cf. FARAGO, 2009, p. 72), Platão ensinava que o homem é uma síntese de mortalidade e imortalidade, todavia, se esforçava para se libertar da finitude da existência, representada pela materialidade do corpo. Assim, “deve-se morrer para o corpo quando este se torna ‘túmulo’ ou ‘prisão’ da alma”. A autora ainda nos diz que, quanto a isso, a doutrina cristã logo se afastou de sua fonte judaica para acompanhar esse pensamento helenista, adotando o princípio no qual “o homem não se sente em casa neste mundo, e pode, pela fé, desde agora sair de certa forma do mundo e, no final permanecer junto de Deus”. Kierkegaard faz uma releitura da ideia de Platão e deste cristianismo ‘reformado’ quando afirma a imortalidade mediante o encontro com o Deus encarnado e a escolha do salto de fé, e o mundo como lugar de execução da escolha pela eternidade.

A fé é a suprema humanização do ego e é através dela que surge a possibilidade da restauração do vínculo perdido no pecado, por ela se constitui a redenção do pecado do homem, não pela virtude, mas pela paixão ontológica que proporciona reconciliação dos contrários, o acesso do tempo à eternidade, do devir ao ser. Sendo assim, o contrário do pecado não seria a virtude, mas a fé.

No texto *Minha tarefa* Kierkegaard envolve os conceitos de fé e cristandade no sentido de lançar o termo que apresenta a necessidade de se praticar a fé verdadeira e a consumação da prática de uma fé que visa tão somente o pagamento dos impostos.

Kierkegaard nos diz: “Eu não digo que sou cristão, nem pretendo mesmo sê-lo. Eis o que preciso repetir sem cessar. Eis o que qualquer um que quiser compreender minha tarefa deve cuidar de manter presente ao espírito” (KIERKEGAARD, 1978, p. 342). O que Kierkegaard busca é a verdade do cristianismo, encontrá-la a todo custo, mesmo que para isso seja necessário dizer que não é cristão.

Entretanto, não posso nem quero mudar minha declaração. Se o fizesse, outra mudança poderia produzir-se. Poderia suceder que o poder que, em sua onipotência, serve-se especialmente de minha impotência, me abandonasse à minha sorte e me deixasse navegar em minhas próprias águas. Não, não posso e nem quero modificar minha declaração. Não posso servir estas legiões de patifes em seu negócio (KIERKEGAARD, 1978, p. 343).

Kierkegaard tem a certeza de que o que fala é verdade para ele, esta verdade é a verdade de sua vida, pois sem ela não há Cristo, não há o evento Cristo, há somente e unicamente pastores que se utilizam da fé e da boa vontade dos cristãos. Ao dizer que não é e não pode ser cristão, Kierkegaard nos diz que é verdadeiramente cristão. Se, os pastores associam a fé à indústria do cristianismo, então a ironia de nosso pensador pede para que pelo menos se pague os impostos para não dizer que o *cristão* não que ser cristão apenas para não pagar o imposto (Cf. KIERKEGAARD, 1978, 342).

Conclusão

Assim, fazer-se indivíduo deve ser a meta do homem através do verdadeiro cristianismo, da sua relação com o Ser, pois o homem não pode tornar-se autônomo sozinho, ele depende da relação com Deus para ser si-mesmo. Todavia nossa liberdade pode tentar se auto-sabotar se escondendo sob diversas máscaras, mas este recalque só amplifica a angústia e sopra as brasas do desespero humano.

Esta esfera de silêncio e de movimento mediante o visto e o ocorrido faz com que entendamos o paradoxo da fé de Kierkegaard como um salto ao transcendente, ao transcendental e na finitude deste transcendental encontrar a originariedade da fé. Deixamos aqui, para finalizar, as palavras que nosso pensador, um dos poucos da longínqua Dinamarca, desejou que fossem inscritas em seu túmulo, que deixam por si só a entender se Søren Kierkegaard é ou não cristão:

Ainda algum tempo
E terei vencido
E todo combate de pronto
desaparecerá
Então, eu repousarei
E no paraíso,
Sem cessar, conversarei
Com Jesus, Nosso Senhor

Referências

- ALMEIDA, J. M.; VALLS, A. L. M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- FARAGO. France. **Comprender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GOUVEA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo paradoxo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.
- KIERKEGAARD, S. I A 75. In: **Soren Kierkegaard Papirer**. hg. v. P.A. HEIBERG, V. KUHR und E.TORSTING. 2 ed. Kopenhagen 1968-78 (16 Bd.).
- _____. **Attack upon Christendom**. Boston: Princeton University Press, 1956.

_____. *Diários*. In: **Textos Seleccionados por Ernani Reichmann**. Curitiba: UFPR, 1978.

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra como autor**. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. Minha tática. In: **Dois discursos edificantes de 1843**. Teresópolis. Ad Martyras. 2001.

_____. **Ejercitación del cristianismo**. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

_____. **El instante**. Madrid. Trotta, 2006.

KIRMMSE, Bruce H. **Encounters with Kierkegaard**. New Jersey: Princeton University Press, 1996.

PAULA, M. G. de. **Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard**. São Paulo: Paulus, 2009.

PERKINS, Robert L. (Org). **International Kierkegaard Commentary**. vol. 6: Fear and Trembling and Repetition. Mercer: University Press; Macon: Georgia. 2002.

VALLS, A. L. M. O amor ao próximo, especificamente cristão: sua exposição nas "Obras do Amor" e sua crítica por Adorno. **Síntese**, v. 20, n. 63, 1993, p. 595-604.